

## A ALOMORFIA NO PLURAL DOS NOMES DE LEXEMA EM *-l*: UM ESTUDO DE MORFOLOGIA HISTÓRICA PORTUGUESA<sup>1</sup>

MARIA JOSÉ CARVALHO  
(Faculdade de Letras de Coimbra)

«O som já se apagou há muito e só o podemos conhecer por inferência, a partir de grafias que ora aspiram à transcrição fonética, ora não aspiram, tingindo de ambiguidades um relacionamento entre língua oral e língua escrita que é sempre desconfortável, quando não enganador». Ivo CASTRO, *A elaboração da língua portuguesa no tempo do Infante D. Pedro*, p. 97.

0. Algumas gramáticas sincrónicas do português têm explicado a formação do plural dos substantivos terminados em *-al*, *-el*, *-il*, *-ol* e *-ul*, como um simples processo de substituição do *-l* por *-is*, de *-l* por *-s* (no caso dos oxítonos terminados em *-il*), ou ainda de *-il* por *-eis* (no caso dos paroxítonos terminados em *-il*). Pensamos, todavia, que reduzir a uma explicação sincrónica um processo que tem as suas motivações históricas, para além de mutilar, de alguma forma, a realidade linguística, não dá conta das razões para a diversidade actual ao nível das realizações do morfema em estudo.

Ora, a queda de /l/ intervocálico, exclusivamente galego-portuguesa, originou o contacto da vogal *-e* do tema com a vogal tónica precedente (*-aes*, *-ees*, *-iis/-ies*, *-oes* e *-ues*), resultando, depois, o processo de ditongação (ou crase, no caso de *-l* precedido de *i* tónico), que se deu nos finais do período arcaico da nossa língua. A terminação latina *-iles* originou, em posição tónica, *-ies*, que passou a *-iis*, reduzindo-se a *-is*, por actuação das regras da crase. Quando átona, evoluiu para *-ees*, que, mais tarde, «por dissimilação ou devido ao lugar ocupado

pelo último *e*, se tornou em *-eis*<sup>2</sup>. Acontece que na língua arcaica essa distinção não era observada, fazendo normalmente o plural em *-is*, quer os nomes de final acentuado, quer os outros.

Após uma pesquisa sistemática com base num método de aproximação, por via quantitativa, aos dados empíricos fornecidos pelo *corpus* documental remanescente dos séculos XIII, XIV, XV e primeiros anos do século XVI<sup>3</sup>, tentaremos, neste trabalho, fornecer pistas para o estabelecimento da cronologia dos plurais de tipo moderno. Uma vez que a cronologia do plural dos nomes e adjectivos terminados em *-l* variou de tipo para tipo, fruto da maior ou menor celeridade da actuação das regras morfo-fonológicas, distinguiremos três tipos, de acordo com a vogal que precede o *-l*: *-l* precedido das vogais *a*, *e*, *o* e *u* acentuadas; *-l* precedido de *i* acentuado, e *-l* precedido de *i* não-acentuado<sup>4</sup>.

## I — 1. *-l* precedido das vogais *a*, *e*, *o*, *u* (acentuadas)

### 1.1 — *-l* precedido de vogal *a*

Quanto aos plurais dos lexemas em *-l* precedido de *a*, há testemunhos de resultados de tipo moderno na documentação privada (quer oriunda da área galega, quer da região centro-meridional de Portugal), como em outro tipo de textos, desde o século XIII. Sintetiza-se, a seguir, a cronologia das inovações registadas, com base nos diferentes tipos de textos analisados<sup>5</sup>:

Documentação notarial privada e eclesiástica				
Ano	Área galego-portuguesa		Área centro-meridional	
	Local	Formas	Local	Formas
1292	Pontevedra	<i>Tritgáás</i> (top.) <i>cabedas</i>	Chelas	<i>quays</i> ; <i>quays quer</i>
1297			Santarém	<i>aaays</i>
1299			Chelas	<i>quajs</i>
1390	Valença	<i>jeeraas</i>		
1411			Porto	<i>reais</i> (18); <i>annuas</i>
1477				
Sécs. XV-XVI	Encontram-se formas em que ocorreu a assimilação <sup>6</sup>			
Documentação régia				
Ano	Local	Reinado	Formas	
1414	Lisboa	D. João I	<i>quais</i>	
1438	Avis	D. Duarte	<i>reais</i>	
1514	Lisboa	D. Manuel	<i>ofictais</i> (5 = 100 %)	
1514	Lisboa	D. Manuel	<i>quaets quer</i>	

Textos de carácter técnico		
<i>Livro Velho de Linhagens</i> <sup>7</sup> (séc. XIII)	<i>Primeyra Partida</i> <sup>8</sup> (séc. XIV)	
<i>quas</i>	<i>parrochtas</i> (8) [~ <i>parrochiaes</i> (8)]; <i>speçtaens</i> ; <i>taaens/taens</i> (3); <i>tenporaens</i> ; <i>terrēas</i>	
Textos literários		
<i>Traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla</i> <sup>9</sup> (1295-1312)	<i>Crónica de D. João I, Parte II</i> (1440-1450)	<i>Crónica do Infante Santo D. Fernando</i> (Edição de 1577)
<i>arauaas</i> ; <i>brlaas</i> ; <i>cardeaas</i> ; <i>leaas</i> (3); <i>mayoraas</i> ; <i>naturaas</i> ; <i>rrayaas</i> ; <i>sinaas</i> ; <i>taas</i> (3).	<i>jguais</i> ; <i>tals/</i> <i>tays</i> (4)	<i>fnais</i> ; <i>gerats</i> (2); <i>prouinciats</i> ; <i>quats</i> (2); <i>reals</i> (2); <i>sinats</i> ; <i>tals</i> (5).

Não obstante a escassez de abonações reflectindo a configuração actual das formas de plural em estudo, revelam uma notável precocidade os plurais dos lexemas em -l precedido de *a* que possuem uma vogal *a* a preceder a sílaba tónica (cf. *iguais*, *parrochias*, *reais*, etc.) e ainda os plurais de lexemas monossilábicos: (*tais* e *quais*, por exemplo. Do que parece não haver dúvida é que desde os finais do século XIII até ao século XVI, as variantes antigas e as modernas coexistem no interior do mesmo texto, sendo particularmente sugestiva a alomorfia registada nas formas da *Primeyra Partida*, assim como a hesitação observada num documento régio de 1514 (cf. *quaeisquer*, resultante do cruzamento das duas variantes). Interessa salientar, a esse propósito, que os plurais em -as, tipicamente galegos (cf. -as < -aas < -aes), também se encontram registados, embora de forma esporádica, em textos medievais escritos na actual área portuguesa.

Como se depreende pela ausência de testemunhos nas tabelas, as grafias que as formas de plural apresentavam na prosa literária quatrocentista e mesmo quinhentista davam poucos sinais de evolução. As obras impressas do século XVI também não apresentam muitas inovações na representação gráfica dos plurais em análise, o que confirma a teoria da preferência dos autores pelo uso da variante antiga. Parece, no entanto, evidente que o que se actualizaria na oralidade não deveria corresponder ao que essas grafias deixavam transparecer. Que havia esse desfasamento entre a pronúncia e a grafia, provam-no algumas rimas do *Cancioneiro Geral*, onde, sob a grafia -aes parece já ocultar-se -ais [ajs]<sup>10</sup>. Vejamos, a título meramente exemplificativo, os seguintes versos de João Rodrigues de Sá:

*«Leixa os deoses inmortais  
e reliquias a quem dana  
tocá-las tu e nom mais,  
mal serve os celestriaes  
a mão do cruel qu'engana».*

Observa José Joaquim Nunes, a propósito do plural de *mal*, que «o desejo de evitar a confusão que naturalmente se daria com o advérbio *mais*, fez ressurgir o *-l* que caíra»<sup>11</sup>. É muito provável, portanto, que o resultado moderno da ditongação já se tenha começado a processar em finais do século XIII. Assim, a forma *males* que surge em *Flores de Dereyto* (1273-1282) poderá já traduzir alguns indícios de mudanças em curso na época, na língua oral. Na *Traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla* encontra-se generalizada a forma de plural *males* (representando 83 %), solução adoptada no galego actual (comum) para as formas monossilábicas, mas na *General Estoria* a variante antiga *maes* ainda ocupa 58 % do total de ocorrências. No *Orto do Esposo*, de finais do século XIV ou inícios do XV, a variante moderna *males* ocupa 85 %, encontrando-se documentada a hesitação entre *maes* e *males* no seguinte passo:

«E assy (...) amom os seus *males* e esto he a peor cousa dos *maaes*»<sup>12</sup>.

Esta flutuação poderá ser tida como indicador da “mutação” linguística observada, por essa altura, neste fenómeno, hipótese que adquire consistência se analisarmos a configuração das formas de plural na *Crónica Geral de Espanha*, refundida em 1400. De facto, no vasto manancial de ocorrências de formas de plural em análise não se regista qualquer evolução no morfema em causa, pelo que após o desaparecimento de *-l*, a vogal que o precede e a temática ficam em situação de hiato. Contudo, parece pertinente salientar que, no que concerne o plural de *mal*, a variante de tipo moderno *malles* ocorre sistematicamente, tal como *salles* que, ao contrário de hoje, mantém o *-l*, devendo justificar-se do mesmo modo o reaparecimento dessa consoante, ou seja, pela necessidade de distinguir o nome da forma verbal de 2ª pessoa do singular do Presente do Indicativo do verbo “sair”.

## 1.2 — *-l* precedido de vogal *e*

São também muito raras na documentação as formas de plural modernas dos nomes e adjectivos de lexema terminado em *-l* precedido de *e*. A abonação mais remota que encontrámos situa-se num documento de 1261, do Sabugal, publicado em apêndice aos foros de Castelo Rodrigo<sup>13</sup>. Trata-se da forma *fles*, resultante da crase das duas vogais idênticas, após a síncope de *-l*. O mesmo resultado se encontra na versão galega do *Fuero Real*, onde, para além de 5

ocorrências de *fiees*, ocorre 2 vezes *fies*. Curiosamente, na versão galega da *General Estoria* surgem em variação *fiéés* e *fieis*<sup>14</sup>.

É a parte II da *Crónica de D. João I* que nos oferece um maior número de inovações relativas ao fenómeno em análise. Assim, em 18 formas de substantivos e adjectivos em -el tónico, três apresentam o resultado moderno: *batxejs*, *cruels* e *fieeis*, outras três, a resolução do hiato através da crase das vogais: *fies*, *jnfles* e *tones*, e as restantes seguem a regra de formação de plural mais antiga. Coexistem, pois, no texto, em variação, *fiees* ~ *fieeis* ~ *fies*, assim como *cruels* ~ *cruees* e *jnfles* ~ *jnfies*. Por outro lado, nas composições que constituem o *Cançãoeiro Geral*, as formas de plural resultantes de -eles tónico oferecem, na generalidade dos casos, o resultado da crase ou da formação de ditongo, evidenciando uma evolução bastante notória relativamente aos lexemas em -I precedido de *a*: *donzes*, *infles*, *cristeis*, *cruels*, *manistrels*, *pasteis*, etc. Note-se que num texto técnico como o *Livro de Cozinha da Infanta D. Maria* o único plural deste tipo é o do lexema *pastel*, que ocorre nas seguintes variantes: *pastes* (3), *pastês* (3), *pastezinhos* e *pasteis* (13). Nas obras impressas dos inícios do século XVI não se verificam, no entanto, inovações nos morfemas de plural deste tipo, à semelhança do que ocorre na maior parte das obras literárias<sup>15</sup>.

### 1.3 — I precedido de vogal o

A produção cronística galega de inícios do século XIV apresenta alguns exemplos em que a vogal temática foi assimilada pela vogal *o* da sílaba tónica. Assim acontece na tradução galega da *Crónica General* e da *Crónica de Castilla*, que oferece uma única vez o plural *espanoos*, e na versão galega da *General Estoria*, que apresenta 4 ocorrências desse lexema: *espan(n)óós/españóós*<sup>16</sup>. O mesmo resultado se regista num documento minhoto de 1393, que exhibe a forma de plural *roos*, 'róis', com um resultado semelhante ao que tiveram em galego as formas de plural de lexemas polissilábicos agudos. Diz-nos José Leite de Vasconcelos, a propósito do *Fabulário português*:

«O plural do substantivo *sol*, VII, 5, é *soles*, VII, 7, e não *soes*, como hoje. Fernão de Oliveira, na *Gram. da linguagem port.*, 2ª ed., p. 109, dá uma regra conforme com esse exemplo: "*sol*" fará "*soles*", e não "*soys*", e "*rol*" "*roles*", e não "*rois*", por diferença das segundas pessoas d'estes verbos: "*soyo*", "*soes*", por "*acostumar*", e "*royo*", "*roes*" por "*roer*".<sup>17</sup>

No *Orto do Esposo* recolhemos o plural *froles*, onde as regras já descritas para a formação do plural (que deveria ser *froes*) não actuaram, evidenciando esta variante o processo de pluralização das palavras cujo lexema termina em -r, -s e -z. Segundo José Joaquim Nunes, essa forma, que ocorre também na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, deverá ter-se por castelhana<sup>18</sup>. Diferente é a opinião

de Rosa Virgínia Mattos e Silva, para quem «esse facto pode ser entendido, admitindo-se que o plural documentado está calcado sobre o singular *flor*, documentado também no português antigo»<sup>19</sup>. A variante moderna do plural deste lexema — *flores* — surge documentada no *Virgeu de Consolaçon* (copiado em finais do século XV), apesar de no singular se registar *frol*. Mas é ainda na sua forma arcaica (*froles*) que este plural aparece no *Cancioneiro Geral* e no *Livro de Marco Paulo*.

#### 1.4 — *l* precedido de vogal *u*

Os plurais dos lexemas em *l* precedido de *u* escasseiam nas fontes em que baseámos a nossa pesquisa, apresentando as raras ocorrências quase sempre a manutenção de lateral intervocálica, provavelmente como forma de evitar o contacto de duas vogais articulatoriamente opostas (a anterior, do tema, e a posterior, que precede a lateral). A *Crónica Geral de Espanha*, para além do cultismo *consules* (com *-ul* átono), que ocorre 13 vezes, exhibe a forma adjectival *azules*, mas no *Cancioneiro Geral* a vogal temática desta forma surge já substituída pela semivogal: *azuls*. O *Livro de Marco Paulo*, impresso em 1502, apresenta o plural de *paul* com o *l* conservado, constituindo, eventualmente, vestígios da versão trecentista de Pipino de Bolonha, que serviu de original à tradução portuguesa: «[gatos] *paules*» (2).

#### 2 — *l* precedido de *i* acentuado

Neste tipo de plurais a vogal temática está, normalmente, representada por *i*, ou seja, aplica-se a regra da síncope de *-l* e dá-se a sua assimilação pela vogal tónica do lexema<sup>20</sup>. As grafias dos exemplos recolhidos, quer na documentação notarial, quer nos textos literários, ao longo dos séculos XIII, XIV e XV, revelam que a regra da crase das vogais idênticas só esporadicamente se aplicaria na escrita antes de meados deste último século<sup>21</sup>.

Entre todos os géneros textuais analisados, apenas o *Cancioneiro Geral* evidencia a consumação da fusão das vogais na grafia, quer seja devido à natureza oralizante das composições, ou por questões métricas: *borzeguis* (3), *brozeguis*, *ceitis*, *gentis* (5), *pernis*, *quadris*, *sotis* (4) e *vis* (2). Este último adjectivo também se encontra no *Livro de José de Arimateia*, mas a tendência dominante nas obras impressas do século XV e XVI é a representação das duas vogais em hiato: na edição de 1577 da *Crónica do Infante D. Fernando* estes plurais mantêm ainda a sua feição arcaica (*ardijs* (2) e *vijs* (2)). Tal constatação aclara, mais uma vez, a teoria já defendida sobre a divulgação na língua oral de um fenómeno cuja grafia insistiria em ocultar.

3 — *-i* precedido de *i* não-acentuado

A evolução normal de *-les*, quando em posição átona, é *-ees* que, no final do período arcaico, evoluiu para *-eis*, à semelhança de *-eles*, em posição acentuada. A verdade é que no português antigo os lexemas em *-i* precedido de *i* átono faziam, frequentemente, o plural em *-iis* e *-is*, eventualmente por analogia com os lexemas de terminação acentuada<sup>22</sup>. Representa-se a seguir a alomorfia registada nas formas documentadas em vários géneros textuais dos séculos XIII, XIV e XV:

Documentação notarial privada e régia (sécs. XIII-XIV)	
<i>estauds ~ estaues; mouis - moues, semellauis ~ semelaues, etc.</i>	
Textos de carácter técnico	
(século XIII)	Século XIV
<i>Flores de Dereyto</i>	<i>Primeyra Partida</i>
<i>semellaues</i> (2) ~ <i>semellaues</i> (3); <i>conuentues</i> <sup>23</sup>	<i>conuēbaujs/cōuēbaujs/conuenbaujs</i> (4) ~ ~ <i>cōuenbauees; crueues</i> (2); <i>duraujs,</i> <i>estauds; moujs</i> (5), <i>perduraujs</i> .
<i>Foro Real</i> <sup>24</sup>	<i>Livro de Alvelaria</i> <sup>25</sup>
<i>moujs, semelbaujs/semellaujs</i> <i>semellaues</i>	<i>conuenbaues/conujnbaues/conujnbaues</i> (4) ~ <i>conuinbaujs; semelbaues</i>
Literatura religiosa	
<i>Vida de Barlaão e Josaphat</i> (finais do séc. XIV)	<i>Livro de Solilóquio de Santo</i> <i>Agostinho</i> (séc. XV)
<i>semelbaues ~ ssemelbaues; perduravees</i> (3) ~ <i>perduravits</i> (2) ~ <i>perduravis;</i> <i>cruevits; corrupivits</i>	<i>perduravees ~ perduraavēs ~ perduravits</i>
Literatura quatrocentista em prosa (séc. XV)	
<i>Leal Conselheiro</i>	<i>-ees</i>
<i>Livro de ensinança de bem cavalgar</i>	<i>-ees</i>
<i>Crónica de D. João I, parte I</i>	<i>-ees</i> N.B.: <i>mouit; mouits</i> (5)
<i>Crónica de D. João I, parte II</i>	<i>-ees - es</i> N.B.: <i>mouit; mouees</i> (5)

Como se pode verificar, ao lado de plurais em *-vits* e *-vis*, oriundos de lexemas com *i* não acentuado, encontram-se documentados, já no século XIII, plurais em *-vees* e *-ves*, pressupondo, assim, dois tipos de singular, usados como variantes opcionais: *-vil* e *-vel*. A expressão da alomorfia neste tipo de plurais encontra-se diferentemente representada segundo o estilo textual: a documentação notarial (privada e régia), eventualmente por deixar reflectir traços da língua oral, oferece, com alguma regularidade, o resultado da fusão das vogais

desde o século XIII; pelo contrário, na maioria dos textos literários em prosa opta-se pela generalização das variantes mais antigas: *-viis* ou *-vees*. Assim, desde os começos do século XIV, a documentação notarial apresenta a variação *-vis* ~ *-ves*, ao passo que a variação registada em textos técnicos (sobretudo de carácter legislativo) e religiosos é *-viis* ~ *-vees* (por vezes, *-vees* ~ *-ves* e *-viis* ~ *-vis*), ao longo do século XIV e ainda no século XV. Nas obras em prosa do século XV é sistemática a preferência dos autores pela terminação *-vees*, excepto no plural de *movil*, que só aparece na grafia *movees* na parte II da *Crónica de D. João I*, marcando, assim, o desaparecimento de *-viis/-vis* da língua comum.

Ao contrário do que afirma Rosa Virgínia de Mattos Silva<sup>26</sup>, a partir de finais do século XV a formação do ditongo nestes plurais deveria encontrar-se generalizada na comunicação oral. A esta conclusão conduz uma análise atenta do *Cancioneiro Geral*, onde a forma *notaveis* aparece três vezes, bem como do *Livro de Cozinha da Infanta D. Maria*, que apresenta três plurais diferentes para o substantivo *arratil*, sendo uma das formas de tipo moderno: *arratêes* (2), *arratês* (6) e *arateys*. Por outro lado, o início da cópia do *Livro de José de Arimateia*, que coube ao Dr. Manuel Álvares, exhibe 3 ocorrências de formas de plural deste tipo, todas elas revelando o resultado da terminação moderna *-veis*: *inêteliguiuels* (2) e *inexpunbauels*. Diz-nos José Joaquim Nunes sobre a versão da *Regra de S. Bento* contida no códice de Lorrvão, nº 32, de 1565: «o sufixo *-vil* da primeira [versão do século XV] e seu plural *-viis* são substituídos respectivamente por *-vel* e *-veis* na segunda [versão do século XVI]»<sup>27</sup>. E na edição de 1577 da *Crónica do Infante D. Fernando* documenta-se a forma de plural, análoga à actual, *notabeis*.

## II — Actualidade da alomorfa no português e no galego

Eventualmente importados da língua castelhana, inúmeros nomes e adjectivos preservaram em muitos dos nossos clássicos o *l* intervocálico, acabando por tornar-se cultismos. Na sua grande maioria, trata-se de lexemas com a vogal átona *i* a preceder a lateral: *dóciles*, *estábiles*, *estériles*, *fáciles*, *fértiles*, *habiles*, *reales* e *terribiles*, são alguns exemplos<sup>28</sup>. José Leite de Vasconcelos diz-nos que em algumas zonas dialectais portuguesas «les noms em *-al*, *-el*, *-il*, *-ol*, *-ul*, qui (...) reçoivent une voyelle d'appui, forment le pluriel régulièrement: *animales*, *aneles*»<sup>29</sup>. O fenómeno inverso parece também registar-se no português dialectal contemporâneo, ou seja, o plural de *val* e de *pele*, por exemplo, não mantêm o *l* como seria de esperar: Celestino Monteiro Azevedo cita uma curiosa expressão ouvida em Ervedosa do Douro, onde este plural apresenta tal configuração: «As augas das trevoadas arrastarũ tudo por êsses *vais*»<sup>30</sup>. Semelhante plural era, no início do séc. XX, típico da Estremadura<sup>31</sup>; e em Vila Real era comum dizer-se *peis* por *peles*<sup>32</sup>. Por outro lado, a forma *froes*<sup>33</sup>, que coexistiu no período arcaico com *froles* e *flores*, sobrevive ainda na actualidade como apelido



(na forma *Fróis: froles > froes > fróis*), à semelhança de *flores*, igualmente adoptada como tal.

Na Galiza, os plurais em que se registou a queda de -l coexistiam, no período arcaico, com formas com -l conservado<sup>34</sup>, situação que se mantém ainda em alguns falares galegos actuais. No galego comum, conservam a consoante os monossílabos e polissílabos não agudos, cujo plural se forma com a adição de -es à forma do singular: *cales, meles, canbales, túneles* (as palavras compostas terminadas por um daqueles monossílabos comportam-se do mesmo modo: *chuchameles*, por exemplo)<sup>35</sup>. As palavras polissilábicas agudas formam o plural acrescentando-se -is e modificando o lexema, que perde o -l: *pardais, papéis, españois, azuis*.

Importa ainda referir um traço curioso não raras vezes registado na linguagem popular e mesmo na linguagem das crianças em fase de aprendizagem: a terminação moderna -eis dos plurais de lexema em -l precedido de e ou i não acentuado, muitas vezes é pronunciada -is. Assim, *fáceis e difícéis*, por exemplo, são muitas vezes confundidos com as pronúncias do tipo *fáctis e difícis* (por analogia com os plurais dos lexemas em -l precedido de i tónico), à semelhança das formas abundantemente documentadas no português arcaico. Também Rosa Virgínia Mattos e Silva refere a ocorrência do mesmo fenómeno na fala corrente brasileira: «note-se que na fala corrente brasileira, se não em outras variantes do português, dificilmente ouviremos uma articulação do tipo *fáceis*»<sup>36</sup>.

### III - Conclusões

Relembrando o que ficou dito em epígrafe, parece ser este um fenómeno “enganador” por excelência, pois torna-se evidente que o que se actualizaria na oralidade não deveria corresponder ao que as grafias da prosa literária quatrocentista e mesmo quinhentista deixavam transparecer. De facto, a escassez de abonações reflectindo a configuração actual do morfema do plural dos lexemas em -l não deverá ser encarada como sintoma de uma evolução muito tardia no morfema em estudo, cuja evolução deve ter tido, na nossa opinião, uma cronologia na língua oral muito semelhante a outros fenómenos considerados iniciadores do português moderno. Sintetizam-se a seguir algumas conclusões decorrentes da pesquisa efectuada:

- Revelam uma notável precocidade os plurais de lexemas em -l precedido de a e de e que possuem uma vogal a preceder a sílaba tónica (*crueis, fiéis, iguais, infleis, reais*, etc.) e ainda de lexemas monossilábicos em -l, precedido de a (*tais e quais*, por exemplo). Esta celeridade evolutiva poderá dever-se, no primeiro caso, à dificuldade de actualização de três vogais silábicas que ficariam contíguas, após a síncope de -l.

- A flutuação no uso dos plurais *males* e *maes*, verificada em muitas obras dos finais do século XIV e já inexistente na *Crónica Geral de Espanha*, poderá

ser tida como indicador da mutação linguística observada, por essa altura, neste fenómeno. De facto, se o *-l* ressurgiu neste lexema para evitar a confusão com o advérbio *mais*, é porque *maes* e *mais* já se confundiam na pronúncia. A autenticá-lo encontrar-se-ão as rimas do *Cancioneiro Geral*.

- A expressão da alomorfa nos plurais em *-l* precedido de *i* não acentuado varia segundo o estilo textual. Assim, os textos notariais, a prosa versificada e os textos técnicos originais (eventualmente por reflectirem alguns traços da língua oral) são os que oferecem mais inovações. Nos textos técnicos e religiosos que constituem versões do castelhano ou do latim, torna-se acentuada a hesitação dos copistas e tradutores (*-vees ~ -ves ~ -vils ~ -vis; -biles*). As formas presentes na literatura quatrocentista (particularmente nas crónicas de Fernão Lopes e nas obras de D. Duarte) são as que apresentam menos variação: por um lado, permanecem incólumes à influência analógica dos plurais em *-is* acentuado; por outro, oferecem uma maior resistência à mudança, ou seja, ao desenvolvimento da semivogal no morfema (a terminação *-vees* domina a prosa literária quatrocentista e quinhentista).

- Uma pista para o desaparecimento de *-vils/-vis* em proveito de *-vees/-ves* (a semivogal pode ter substituído a vogal temática ou ter-se desenvolvido, após a crase) parece poder encontrar-se no plural de *movil*, que surge na variante *movils* na parte I da *Crónica de D. João I*, mas já na variante *movees* na parte II da mesma obra.

- Remontam à segunda metade do século XV as terminações modernas *-veis*, e não a uma época posterior ao século XVI, como alguns autores sugerem.

- A alomorfa registada ao longo do período medieval mantém ainda vitalidade no português e no galego actuais, quer ao nível diatópico, quer diastrático. É nela, portanto, que reside a chave para a compreensão da variação actual.

## Notas

1 Este trabalho reflecte, em linhas gerais, os resultados de um aspecto da pesquisa levada a cabo pela Autora no âmbito do *Programa Praxis XXI* com vista à preparação da sua dissertação de Mestrado, apresentada em 1996 à Faculdade de Letras de Coimbra (cf. CARVALHO, M. J., 1996). Não obstante o título desta comunicação contemplar apenas os plurais dos nomes, naturalmente que as mesmas regras são, igualmente, aplicáveis aos adjectivos e pronomes.

2 Cf. NUNES, J. J., 1989, p. 229. A terminação moderna *-ets* também se poderá ter formado a partir de *-es* (ex: *semelhaves > semelhavets*), com desenvolvimento de semivogal.

3 Seleccionaram-se os textos mais representativos para cada século (ver Bibliografia de fontes documentais).

- 4 Divisão baseada na que foi elaborada, a propósito do ms. A de *Os Diálogos de S. Gregório*, por R.V. M. Silva, 1989, p.130.
- 5 Quando as formas citadas ocorrem mais do que uma vez, são seguidas do número de ocorrências, critério que é utilizado ao longo do trabalho.
- 6 MALA, C. A., 1997, p. 659.
- 7 Parece que a obra em causa deve ter sido redigida por um clérigo do Mosteiro de Santo Tirso, localidade primitivamente pertencente à área galego-portuguesa. A assimilação da vogal temática pela vogal que precede o *-l* deve ter sido a solução que os lexemas monossilábicos começaram por revelar nos textos oriundos da região da Galiza. No galego moderno estes lexemas voltam a recuperar o *-l* no plural: *cales, meles, tules*, etc.
- 8 A lateral intervocálica também persiste em algumas formas, nesta obra: *materiales, minerales, personales e prediales*.
- 9 O *-l* mantém-se em 32 formas de plural dos nomes em *-l* precedido de *a*, o que representa cerca de 18 % dos plurais deste tipo.
- 10 Cf. *Cançoneiro Geral de Garcia de Resende*. No total, os substantivos deste tipo com o plural em *-ls* preenchem menos de metade das ocorrências. Por outro lado, mais de metade das formas modernas correspondem aos plurais dos pronomes *tal* e *qual*, assim como aos nomes e adjectivos que possuem uma vogal a preceder a vogal tónica: *desteais, especiais*, etc.
- 11 Cf. NUNES, J. J., 1989, p. 229.
- 12 *Orto do Esposo*, 1956, p. 343.
- 13 CINTRA, L. F. L., 1959, p. 140.
- 14 Regista-se, ainda, um substantivo que conserva o /l/ no plural: *aneles*. Também na *Traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*, onde estes plurais nunca são de tipo moderno, documentam-se as formas plenas: *cruelles* e *fielles* (3).
- 15 Parece óbvio que só a partir de meados desse século a grafia começa a ceder à oralidade. Assim, na cópia do *Livro de José de Arimateia*, em estilo tabeliônico, pertencente a várias mãos, todas as ocorrências dos plurais deste grupo revelam o resultado moderno: *manteis* (3). A propósito da versão da *Regra de S. Bento* contida no códice de Lorvão, n.º 32, diz-nos José Joaquim Nunes. «(...) o *-es*, plural dos nomes em *-el*, que se mantém naquela [versão do século XV], aparece já nesta [versão do século XVI] em *-ls*, como hoje». Cf. NUNES, J. J., 1926, p. 5.
- 16 No entanto, o lexema *marmol*, com *o* não acentuado, evidencia a manutenção de *-l* à semelhança do resultado que têm actualmente em galego as formas polissilábicas não agudas: *marmoles*. Na *Crónica Troyana*, para além do mesmo plural com *-l* conservado, parece também reflectir essa dificuldade de manter o hiato em sílabas átonas a forma *áuoles* (2). Na *Crónica Geral de Espanha* encontra-se sistematicamente a forma *marmoes*, com encontro vocálico.
- 17 Cf. VASCONCELOS, J. L., 1906 (“Considerações glotológicas”), p. 52. Em *Vidas e paixões dos Apóstolos* (cf. BRIHUEGA, B.) registam-se 4 ocorrências da variante com as

vogais em hiato: *roes*. No entanto, segundo Said Ali, nas *Ordenações* de D. Manuel usa-se *roles* como plural de *rol*. Cf. ALI, S., 1964, p. 59.

18 NUNES, J. J., 1918, p. XXIX. Acrescenta o autor que a forma genuinamente portuguesa é *froes*, que ainda sobrevive como apelido. Ver nota 2 da referida página.

19 SILVA, R. V. M., 1989, p. 132. No singular é, de facto, *flor* que se documenta no *Orto do Esposo*.

20 As formas com manutenção de *-l-* estão largamente documentadas nas versões galegas das crónicas trecentistas, coabitando com as formas sincopadas. A título exemplificativo, na versão da *General Estória*, o plural de *gentil*, que ocorre cerca de uma centena de vezes, é *gentiis*, mas o plural de *sotil* é *sotiles*; na *Crónica Troyana* só o plural de *uil*, que ocorre três vezes, permanece refractário à síncope de *-l-*. Por outro lado, encontram-se ainda, quer na documentação notarial, quer nos textos de carácter religioso, formas esporádicas como *aluazies*, *gentiles* e *vtes*, onde a regra da assimilação da vogal temática pela do lexema não actuou.

21 A *Crónica Geral de Espanha* oferece, para este tipo de plurais, as duas vogais em hiato, devendo considerar-se como excepção a forma, com crase das vogais, *vys*. Também na literatura religiosa dos séculos XIV e XV se encontram largamente documentados os plurais *gentiis*, *sotíis/sotíjs* e *uítis/uíjs*, só esporadicamente aparecendo representada a crase das vogais idênticas.

22 Essa constatação conduz a aceitar a hipótese já admitida por Rosa Virgínia Mattos Silva, para quem os dois tipos de estrutura *-vll-*: *-vlls* e *-vel-*: *-vees* deviam ter ocorrido em variação livre. Cf. SILVA, R. V. M., 1989, p. 134.

23 A forma de singular apresenta dois tipos de terminação (*-uel* e *-uil*), o que comprova o que é dito na nota supra: *conuentuel/conuenbauel/cõueyuel* e *conuenyuil*.

24 Cf. FERREIRA, J. A., 1987, p. 372 e nota 9.

25 Recorde-se que o texto foi redigido em 1318 mas chegou até nós através de cópia do século XV, o que é importante ter em conta. A tendência das versões galegas das crónicas, também da primeira metade do século XIV, é para a preservação do *-l-*: *conuenauílls* e *perdurauílls* encontram-se na *Traducción gallega de la Crónica General* (...), a par de *semellauíjs*, e *moueles* é a única forma de plural deste tipo encontrada na versão da *General Estória*.

26 Afirma a autora que «embora não se tenha um estudo exaustivo sobre os alomorfes do plural no período arcaico, parece que o plural do tipo atual *perduráveis*, *estáveis* é posterior ao século XVI. Uma pista está na informação do *Diccionario etimológico* de J. P. Machado, que afirma que *fácis* (de *fácil*) ocorre ainda no século XVI e *fácels* só está documentado no século XVII». Cf. SILVA, R. V. M., 1994, p. 22.

27 Cf. NUNES, J. J., 1926, p. 5.

28 Cf. VASCONCELOS, J. L., 1966, p. 159, nota 1. Recorde-se o nosso cultismo actual *cónsules*, que ocorre sistematicamente na *Crónica Geral de Espanha*, com essa configuração.

29 Incluem-se nestas zonas Chaves e Miranda do Douro. Cf. VASCONCELOS, J. L., 1900, p. 319 e 1987, p. 104. Este fenómeno ocorre «ou por analogia com os outros nomes terminados em consoante ou, (...), em virtude do e paragógico que nalguns lugares costuma juntar-se ao singular». Cf. NUNES, J. J., 1989, p. 230, nota 4. Segundo informa Said Ali «o antigo *meles*, plural de *mel*, resistiu por muito tempo à alteração. Castilho ainda usou esta forma em *espremia aos panaes os meles espumantes* (Geórg. 241); mas em outro passo (...) emprega já o plural *méis*». Cf. ALI, S., 1964, p. 59. Ver, também, NUNES, J. J., 1989, p. 230.

30 AZEVEDO, C. M. S., 1928-1929, p. 128.

31 VASCONCELOS, J. L., 1966, p. 159, nota 1.

32 PEREIRA, A. G., 1908, p. 280.

33 Apesar de mencionada nas gramáticas históricas, nunca encontramos esta forma ao longo da nossa pesquisa.

34 Recordem-se as numerosas observações feitas a propósito das versões galegas das crónicas trecentistas.

35 Todavia, o plural de *real* é *reás*. Cf. ÁLVAREZ, R., X. L. REGUEIRA e MONTEAGUDO, H., 1986, p. 66-67.

36 Cf. SILVA, R. V. M., 1994, p. 22.

### Bibliografia Geral

- ALI, M. Said — *Gramática histórica da língua portuguesa. 3ª edição melhorada e aumentada de Lexeologia e formação de palavras e Sintaxe do português histórico*. Estabelecimento do texto, revisão, notas e índices pelo Prof. Maximiano de Carvalho e Silva. S. Paulo, Edições Melhoramentos, 1964.
- ÁLVAREZ, Rosario, X.L. REGUEIRA, H. MONTEAGUDO — *Gramática galega*. Vigo, Editorial Galaxia, 1986.
- AZEVEDO, Celestino Monteiro Soares de — *Linguagem popular de Ervedosa do Douro*. In: *Revista Lusitana*, vol. XXVII, nº 1-4, 1928-1929, p. 86-197.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso — *Estrutura da língua portuguesa*. 15ª edição. Petrópolis, R. J., Vozes, 1985.
- CARVALHO, Maria José — *Do Português arcaico ao Português moderno. Contributos para uma nova proposta de periodização*. Tese de Mestrado elaborada no âmbito do Programa Praxis XXI e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, 1996 (inédita).
- CASTRO, Ivo — *A elaboração da língua portuguesa, no tempo do Infante D. Pedro*. In: *Actas do Congresso Comemorativo do 6º Centenário do Infante D. Pedro (25 a 27 de Novembro de 1992)* (= *Biblos. Revista da Faculdade de Letras*, vol. LXIX), 1993, p. 97-106.
- CINTRA, Luís F. Lindley e Celso CUNHA — *Nova Gramática do Português contemporâneo*. 9ª edição. Lisboa, Editora Sá da Costa, 1992.

- MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE e Isabel Hub FARIA — *Gramática da Língua Portuguesa*. 4ª edição. Lisboa, Editorial Caminho, 1989.
- NUNES, José Joaquim — *Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética e morfologia)*. 9ª edição. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1989.
- PEREIRA, A. Gomes — *Tradições populares e linguagem de Vila Real*. In: *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. XI, 1908, p. 268-310.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e — *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do Português arcaico*. Lisboa, IN — CM, 1989.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e — *O português arcaico. Morfologia e sintaxe*. Bahia, Editora Contexto, 1994.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Considerações glotológicas [sobre o Fabulário Português]*. In: *Revista Lusitana*, vol. IX, 1906, p. 46-109.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 3ª edição por Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa, INIC, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Estudos de filologia mirandesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, vol. I, 1900.
- VASCONCELOS, José Leite de — *Lições de filologia portuguesa*. Quarta edição enriquecida com notas do Autor, prefaciada e anotada por Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1966.

BIBLIOGRAFIA DE FONTES DOCUMENTAIS DOS SÉCULOS XIII, XIV, XV E XVI

- ÁLVARES, Frei João — *Trautado da vida e feitos do muito virtuoso S<sup>r</sup> Infante D. Fernando*. Edição crítica com introdução e notas por Adelino de Almeida Calado. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1960. (Veja-se, neste volume, a *Crónica dos feitos, vida e morte do Infante Santo Dom Fernando, que morreu em Fez, 1577*, p. 109-269).
- ARNAUT, Salvador Dias e Giacinto MANUPPELA — *O Livro de Cozinha da Infanta D. Maria de Portugal*. Primeira edição integral do códice português I.E. 33 da Biblioteca Nacional de Nápoles. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1967.
- AZEVEDO, Pedro de — *As festas dos Imperadores*. In: *Revista Lusitana*, vol. IV, 1896.
- AZEVEDO, Pedro de — *Documentos portugueses do mosteiro de Chelas*. In: *Revista Lusitana*, vol. IX, 1906.
- AZEVEDO, Pedro de — *D. João de Aboim. Documentos*. In: *Arquivo Histórico Portuguez*. Lisboa, vol. IV, 1906.
- AZEVEDO, Pedro de — *O Livro de D. João de Portel*. In: *Arquivo histórico Portuguez*. Lisboa, vol. IV, 1906; vol. V, 1907; vol. VI, 1908 e vol. VII, 1909.
- AZEVEDO, Pedro de — *O trovador Martim Soárez e seu filho João Martinz*. In: *Revista Lusitana*, vol. V, 1897.
- AZEVEDO, Pedro de — *O trovador Martim Soárez e sua família*. In: *Revista Lusitana*, vol. XXI, 1918.

- AZEVEDO, Pedro de — *Urraca Machado, Dona de Chelas*. In: *Archivo Historico Portuguez*. Lisboa, vol. III, 1905.
- BRIHUEGA, Bernardo de — *Vidas e paixões dos Apóstolos (ms. alcobacense 280 da Biblioteca Nacional de Lisboa, confrontado com a edição de Lisboa, 1505)*. Edição de Isabel Vilares Cepeda. Textos medievais portugueses. — 1. Lisboa, INIC. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Vol. I, 1982. Vol. II, 1989.
- Cancionero Geral de Garcia de Resende*. Fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias. Lisboa, IN — CM, 4 vols., 1990-1993.
- CARTER, Henry Hare — *The Portuguese Book of Joseph of Arimathea*. Paleographical Edition with Introduction, Linguistic Study, Notes, Plates & Glossary. Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1967.
- CINTRA, Luis F. Lindley — *A lnguagem dos foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos foros de Alfolates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII*. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1959.
- COSTA, Avelino de Jesus da — *O bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*. 2 vols. Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1959.
- Crónica del rei Dom Joham I de boa memoria e dos reis de Portugal o decimo*. Parte primeira escrita por Fernão Lopes. Reprodução facsimilada da edição do *Arquivo Histórico Português* (1915) preparada por Anselmo Braamcamp Freire. Prefácio por Luís F. Lindley Cintra, IN — CM, 1977.
- Cronica del Rei Dom Joham I de boa memoria e dos reis de Portugal o decimo*. Parte segunda escrita por Fernão Lopes. Edição de W. J. Entwistle. Lisboa, IN — CM, 1968.
- Crónica Geral de Espanha*. Edição crítica do texto português por Luís Filipe Lindley Cintra. Lisboa, IN — CM, vol. I, 1983; vol. II, 1984; vol. III, 1984 e vol. IV, 1990.
- Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*. Com introdução, anotações e índice onomástico por José Joaquim Nunes. 2 vols. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918.
- Descobrimentos Portugueses. Documentos para a sua história*. Publicado e prefaciados por João Martins da Silva Marques e Alberto Iria. Lisboa, INIC, vol. I e supl. ao vol. I, 1988.
- DUARTE, Luiz Fagundes — *Documentos em português da chancelaria de D. Afonso III* (edição). Curso de Mestrado em Linguística Portuguesa Histórica. Lisboa, Faculdade de Letras, 1986 (Tese de Mestrado inédita).
- FERREIRA, José de Azevedo — *Afonso X, Foro Real*. Vol. I (Edição e estudo linguístico). Lisboa, INIC, 1987.
- FERREIRA, José de Azevedo — *Alphonse X, Primeyra Partida*. Édition et étude: Braga, INIC, 1980.
- FREIRE, A. Braamcamp — *D. João de Aboim. Documentos*. In: *Archivo Historico Portuguez*. Lisboa, vol. IV, 1906.

- General Estoria. Versión gallega del siglo XIV. Ms. O.I.I. del Escorial.* Edición, introducción lingüística, notas e vocabulário de Ramón Martínez-López. Oviedo, Universidad de Oviedo, Facultad de Filosofía y Letras, Publicaciones de *Archivum*, 1963.
- JUNTA, Jacob de — *Flores de Dereyto.* Edição (segundo o códice nº 4 do maço 6º de *Forais Antigos* do ANTT), estudo e glossário por José de Azevedo Ferreira, Universidade do Minho, 1989.
- Leal Conselheiro o qual fez D. Eduarte Rey de Portugal e do Algarve e senhor de Cepta.* Edição crítica e anotada organizada por J. Piel. Lisboa, Livraria Bertrand, 1942.
- Livro d'Alveitaria do Mestre Giraldo.* Publicado por Gabriel Pereira. In: *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. XII, 1909.
- Livro da ensinança de bem cavalgar toda a sela que fez El-Rey dom Eduarte de Portugal e do Algarve e Senhor de Ceuta.* Edição crítica acompanhada de notas e dum glossário por J. Piel. Lisboa, Livraria Bertrand, 1944.
- Livros Velhos de Linhagens [Livro Velho].* Edição crítica por Joseph Piel e J. Mattoso. In: *Portugalliae Monumenta Historica*. Nova Série, I. Lisboa, Academia da Ciências, 1980.
- O Livro de Marco Paulo — O Livro de Nicolao Veneto — Carta de Jeronimo de Santo Estevam.* Edição conforme a impressão de Valentim Fernandez, feita em Lisboa em 1502, com três facsímiles, introdução e índices por Francisco Maria Esteves Pereira. Lisboa, 1922 (edição semi-paleográfica).
- Livro de solilóquio de Sancto Agostinho.* Edição crítica e glossário por Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1957.
- LORENZO, Ramón — *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla.* Edición crítica anotada, con introducción, índice onomástico y glosario. 2 vols. Orense, Instituto de Estudos Orensanos "Padre Feijoo", 1975 e 1977.
- MAIA, Clarinda de Azevedo — *História do galego-português. Estado linguístico da Galtza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno).* Coimbra, reimpressão da edição do INIC, 1986. Lisboa, FCG e JNICT, 1997 (Col. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas).
- NUNES, José Joaquim — *Evolução da língua portuguesa exemplificada em duas lições principalmente da mesma versão da "Regra de S. Bento" e ainda nos fragmentos da mais antiga que se conhece.* Com introdução e glossário. Separ. do *Boletim da Segunda Classe* da Academia das Ciências de Lisboa, vols. XIV-XVI, 1922-1926. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926.
- Orto do Esposo.* Texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário por Bertil Maler. Vol. I. Texto crítico. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1956.
- PUPO-WALKER, C. E. — *A Critical Edition of the Old Portuguese Version of Barlaam and Josaphat.* U.N.C. at Chapel Hill, Ph.D, 1967.



A ALOMORFIA NO PLURAL DOS NOMES DE LEXEMA EM -*l*

*Virgeu de Consolaçon*. Edição crítica de um texto arcaico inédito, com introdução, gramática, notas e glossário por Albino de Bem Veiga. Bahia, Universidade da Bahia, 1959.